

Escola Secundária Damião de Goes

2024/2025

Fevereiro

Máscaras Damionianas

(Camões e Damião de Góis)

(Atividade planificada tendo em conta o *Referencial AcBE*)

Intervenientes: Biblioteca Escolar | Oficina de Artes | Português

Enquadramento: Projeto **Camões, Damião de Goes e a interculturalidade na ESDG/AEDG**

[Camões, Damião de Goes e a Interculturalidade no AEDG](#)

(Camões, Engenho e Arte – RBE; Artoscópio – PCE/PNA)



<https://rbeurl.pt/Mascaras-damionianas>

Objetivos:

Biblioteca

1. Promover os valores humanistas e a interculturalidade;
2. Conhecer Camões e Damião de Goes enquanto homens do seu tempo;
3. Reforçar a identidade e a união da comunidade e da ESDG;
4. Reforçar os laços afetivos com a BE enquanto espaço de colaboração e cultura;
5. Integrar a leitura na vida pessoal e académica;
6. Promover a leitura de textos complexos, em diálogo com diferentes manifestações artísticas e culturais;
7. Incrementar a articulação curricular e as aprendizagens contextualizadas no tempo e no espaço.

Oficina de Artes

1. Explorar a técnica da ligadura engessada e a aplicação de estruturas
2. Desenvolver a criatividade

Português

1. Rever as aprendizagens essenciais relativas a Camões épico e lírico;
2. Fomentar a leitura de textos complexos;
3. Promover a leitura literária em diálogo com as artes;
4. Realizar leitura crítica e autónoma;
5. Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.

- Planificar o texto oral elaborando um plano de suporte com tópicos, argumentos e respetivos exemplos.

Conteúdos

Biblioteca

- Articulação curricular
- Literacias da informação e dos *media*
- Leitura
- Ligação à comunidade
- Humanismo e interculturalidade

Oficina de Artes

- Máscaras com a técnica da ligadura engessada
- Estruturas

Português

- Educação literária: Camões épico e lírico;
- Oralidade: exposição oral.

Estratégias:

Os alunos da turma I do 12.º ano (24 alunos), do curso de Artes Visuais, vão criar máscaras inspiradas em passagens textuais de Camões e Damião de Góis, nomeadamente em algumas das suas figuras humanas, mitológicas e fantásticas.

Para além da leitura dos textos e da aquisição e aplicação de aprendizagens artísticas específicas, os alunos terão de pesquisar informação relativa às figuras escolhidas e à iconografia existente, seja contemporânea, seja renascentista, com o apoio da biblioteca e dos seus recursos, de modo a criarem uma interpretação própria dos textos e da estética que envolve as figuras selecionadas. Estes trabalhos serão acompanhados pelas professoras envolvidas em cada uma das suas fases, conforme for adequado e a avaliação formativa recomendar. Os trabalhos serão apresentados oralmente na disciplina de Português e publicamente, na escola, em fevereiro, maio e junho; ainda assim, considera-se a actividade concluída em fevereiro com a apresentação.

Calendário

Etapas	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Maio	Jun.
Apresentação do tema e da atividade/Aprofundamento e planificação feita em conjunto com os alunos.							
Apresentação de alguns excertos de obras dos autores pela biblioteca e pela professora de Português; leitura destes e de outros excertos realizada pelos alunos.							
Pesquisa literária, iconográfica e artística.							
Conceção e realização das máscaras em Oficina de Artes.							

Estudo dos textos literários, das figuras selecionadas e da iconografia relacionada, em Português, Oficina de Artes e Biblioteca.							
Preparação da apresentação oral de Português, com recurso a um suporte visual.							
Exposição das máscaras na biblioteca.* Apresentação das máscaras na biblioteca.** ***					25		
Apresentação das máscaras no evento Festa da Leitura no Concelho de Alenquer (evento com todas as escolas do Concelho de Alenquer e BM – Auditório Damião de Góis e Museu Damião de Góis)						05	
Cá se faz, cá se mostra – Camões, Damião de Goes e a interculturalidade no AEDG - AEDG							05

* Estes materiais integrarão o evento público que está a ser planeado para o dia 05 de maio, no qual se mostrarão todos os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto Camões, Engenho e Arte (Camões, Damião de Goes e a interculturalidade no AEDG), no AEDG e noutros agrupamentos do concelho de Alenquer, e envolvendo a comunidade. Também integrarão a mostra final das atividades desenvolvidas no AEDG, no dia 05 de junho.

**A apresentação oral das máscaras na biblioteca integrou-se no domínio da oralidade da disciplina de Português, pelo que foram avaliadas também nesta disciplina, para além da avaliação artística em Oficina de Artes.

***A apresentação das máscaras e a sua exposição na biblioteca constituíram uma atividade final, cúmulo de todo o trabalho feito anteriormente, a partir dos textos de Luís de Camões e de Damião de Goes selecionados. Nesta altura, a turma teve de apresentar todo o processo de apropriação da figura camoniana ou damiana escolhida, bem como as várias fases do processo artístico que conduziu à máscara exposta, nomeadamente a análise dos excertos literários, a pesquisa artística e técnica, os ensaios e a execução do trabalho.

Os alunos foram informados de que teriam uma assistência constituída pela turma, as professoras envolvidas, os frequentadores da biblioteca e por outras pessoas da comunidade escolar que quisessem assistir. Assim, teriam de adequar a sua apresentação ao auditório, o que aconteceu: os alunos prepararam um suporte visual – esquemas, imagens e vídeos das fases de conceção e execução do trabalho (Canva, Genially e .ppt) – ; usaram as suas máscaras, que estavam expostas; leram expressivamente alguns excertos literários; e apresentaram o seu trabalho com entusiasmo.

Se a apresentação oral aconteceu no dia 25 de fevereiro, a exposição prolongou-se (estará patente até ao final do 2.º período), tendo sido apreciada por alunos, professores e assistentes.

Anexo

Figuras e textos

Damião de Góis, Descrição da Cidade de Lisboa

Homens marinhos = Tritões

«O nosso povo julga que ali [gruta debaixo de um rochedo sobranceiro ao mar, em Colares] foi visto outrora um tritão a cantar com a sua concha.» (p. 26)

«[...] encontram-se, em muitos lugares próximos àquela praia, uns homens que os habitantes deram em chamar, por causa da sua natureza e origem, homens marinhos, por apresentarem na superfície da pele umas asperezas ou escamas espalhadas por todo o corpo, como se fossem vestígios da antiga raça. E crêem os habitantes que os tais homens devem a sua origem e a sua natureza aos homens marinhos ou tritões.» (p. 27)

«Nos nossos dias, um homem andava à pesca, com linha e anzol, entre os rochedos do Promontório Bárbaro [Cabo Espichel], perto da capela de Nossa Senhora; inesperadamente saltou para um rochedo um tritão macho, com a barba comprida, longos cabelos, peito crespo, rosto não muito disforme e aspecto perfeitamente humano.» (p. 28)

Sereias

«Nos arquivos antigos do reino, a cuja cabeça me encontro, existe um manuscrito antiquíssimo, que é um contrato entre o rei D. Afonso III e o mestre dos Cavaleiros de São Tiago, Paio Peres; nesse documento se determina que o tributo das sereias e dos outros animais, pescados nas praias da mesma Ordem, se devia pagar, não ao mestre da Ordem, mas aos reis. Onde se colige facilmente que as sereias eram frequentes nas nossas águas, visto que acerca delas se promulgou uma lei.» (p. 30)

Luís de Camões, Os Lusíadas

□ Figuras mitológicas

Concílio dos deuses, Canto I, 20-41

Júpiter

22 Estava o Padre ali, sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;

Com ãa coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

23 Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, assi dizendo,
Cum tom de voz começa grave e horrendo:

Baco

30

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no
Oriente Se lá passar a Lusitana gente.

Vénus

33

Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada, sua Romana;
[...]

Marte

36

Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deuses em pé se levantava:
Merencório no gesto parecia;
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando pera trás, medonho e irado;

37

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,

Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro;
E dando ãa pancada penetrante
Co conto do bastão no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado;

Mercúrio

40

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme.

Outros lugares da obra:

Neptuno

Canto I

3

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Canto VI

14

Pouca tardança faz Lieu irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Às portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino d' água o Rei do vinho [Baco].

Tritão

16

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão, que chame os Deuses da água fria,
Que o mar habitam dua e doutra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

17

Os cabelos da barba e os que decem
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes d' água, e bem parecem
Que nunca brando pêntem conheceram.
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões, que ali se geram.
Na cabeça, por gorra, tinha posta
Ûa mui grande casca de lagosta.

19

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
[...]

Tétis – esposa de Neptuno

21

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão fermosa
Que se amansava o mar, de maravilha.
Vestida Ûa camisa preciosa
Trazia, de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não é pera esconder-se.

Tágides

Canto I

4

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,

Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

Canto V

100

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é somente o pros[s]uposto
Das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe, enfim, de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito:
Que, por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

Tétis e outras ninfas

Canto IX

89

Que as Ninfas do Oceano, tão formosas,
Tétis e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta Ilha.

Canto X

75

Despois que a corporal necessidade
Se satisfaz do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Tétis, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia, Pera o felice Gama assi dizia:

Personificações

Cabo das Tormentas / Cabo da Boa Esperança – Adamastor - V, 39-40

39

Não acabava, quando ãa figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquelada,

Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

Rios Ganges e Indo – IV, 71, 72, 74

71

Das águas se lhe antolha que saíam,
Par' ele os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando.
Das pontas dos cabelos lhe saíam
Gotas, que o corpo todo vão banhando;
A cor da pele, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

72

D' ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha.
Um deles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha;
E assi a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.

74

Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo, Rei que, nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-t'-emos contudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio
A quantas gentes vês porás o freio.

▣ Figuras histórico-literárias

Inês de Castro – III, 118, 120, 132, 134
118

Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

120

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saúdosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

132

Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores

Aquele que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fêrvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

134

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lacivas maltratada
Da minina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,

A história e a lenda de Pedro e Inês são muito fecundas na literatura e nas artes portuguesas e europeias. É especialmente relevante, para além da tradição camoniana, a tradição com raízes em Fernão Lopes, que assinala o polémico casamento secreto dos amantes e a trasladação da morta para o Mosteiro de Alcobaça. Por extensão temática, regista-se a lenda de que Inês terá sido coroada depois de morta, não apenas na pedra tumular, mas também numa cerimónia em que os nobres tiveram de homenagear e beijar a mão da rainha cadavérica, já só esqueleto.

Assim, sugere-se que as máscaras inspiradas na figura de Inês de Castro evidenciem esta dualidade: uma representativa da mulher bela, à maneira renascentista; outra da rainha cadavérica.

Túmulo de Inês de Castro, no Mosteiro de Alcobaça:

<https://ensina.rtp.pt/artigo/ines-de-castro-coroad/>

Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co a doce vida.

Vasco da Gama – II, 97 e 98

97

Não menos guarnecido, o Lusitano,
Nos seus batéis, da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza;

98

De botões d' ouro as mangas vêm tomadas
Onde o Sol, reluzindo, a vista cega;
As calças soldadescas, recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Itálico modo a áurea espada;
Pruma na gorra, um pouco declinada.

Poeta – VII, 79

79

Olhai que há tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavórcios inumanos,
Qual Cánace, que à morte se condena,
Nũa mão sempre a espada e noutra a pena;

81

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,

Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* e *Rimas*

Figuras humanas

Ser humano = Bicho da terra

Os Lusíadas, Canto I, 106

106

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Lírica/Rimas

Canção IX

[..]

Não tinha parte donde se deitasse,
nem esperança algũa onde a cabeça
um pouco reclinasse, por descanso.
Todo lhe é dor e causa que padeça,
mas que pereça não, por que passasse
o que quis o Destino nunca manso.
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!
Estes ventos da voz importunados,
parece que se enfreiam!
Somente o Céu severo,
as Estrelas e o Fado sempre fero
com meu perpétuo dano se recreiam,
mostrando-se potentes e indignados
contra um corpo terreno,
bicho da terra vil e tão pequeno.
[...]

Figura feminina – Leonor e Bárbara

Mote

Descalça vai pera a fonte
Leonor, pela verdura;
vai fermosa e não segura.

Leva na cabeça o pote,
o testo nas mãos de prata,
cinta de fina escarlata,
saínho de chamelete;
traz a vasquinha de cote,
mais branca que a neve pura;
vai fermosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos de ouro o trançado,
fita de cor de encarnado...
Tão linda que o mundo espanta!
Chove nela graça tanta
Que dá graça à fermosura;
vai fermosa e não segura.

Aquela cativa
Endechas a Ña cativa com quem andava de amores
na Índia, chamada Bárbara.

Aquela cativa
que me tem cativo,
porque nela vivo,
já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que pera meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
nem no céu estrelas

A par da bela Leonor camoniana, sugere-
-se a fantástica Leonoreta, de António
Gedeão

Poema da Auto-estrada

Voando vai para a praia
Leonor na estrada preta.
Vai na brasa, de lambreta.

Leva calções de pirata,
Vermelho de alizarina,
modelando a coxa fina
de impaciente nervura.
Como guache lustroso,
amarelo de indantreno,
blusinha de terileno
desfraldada na cintura.

Fuge, fuge, Leonoreta.
Vai na brasa, de lambreta.

Agarrada ao companheiro
na volúpia da escapada
pincha no banco traseiro
em cada volta da estrada.
Grita de medo fingido,
que o receio não é com ela,
mas por amor e cautela
abraça-o pela cintura.
Vai ditosa, e bem segura.

Como um rasgão na paisagem
corta a lambreta afiada,
engole as bermas da estrada
e a rumorosa folhagem.
Urrando, estremece a terra,
bramir de rinoceronte,
enfia pelo horizonte
como um punhal que se enterra.
Tudo foge à sua volta,
o céu, as nuvens, as casas,
e com os bramidos que solta
lembra um demónio com asas.

Na confusão dos sentidos
já nem percebe, Leonor,
se o que lhe chega aos ouvidos
são ecos de amor perdidos

me parecem belas
como os meus amores.
Rosto singular,
olhos sossegados,
pretos e cansados,
mas não de matar.

U~a graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
de quem é cativa.
Pretos os cabelos,
onde o povo vão
perde opinião
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão,
que o siso acompanha;
bem parece estranha,
Mas bárbara não.

Presença serena
que a tormenta amansa;
nela, enfim, descansa
toda a minha pena.
Esta é a cativa
que me tem cativo.
E pois nela vivo,
é força que viva.

Soneto - figura feminina

De quantas graças tinha, a Natureza
fez um belo e riquíssimo tesouro;
e com rubins e rosas, neve e ouro,
formou sublime e angélica beleza.

Pôs na boca os rubins, e na pureza
do belo rosto as rosas, por quem mouro;
no cabelo o valor do metal louro;
no peito a neve em que a alma tenho acesa.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
e fez deles um sol, onde se apura
a luz mais clara que a do claro dia.

Enfim, Senhora, em vossa compostura
ela a apurar chegou quanto sabia
de ouro, rosas, rubins, neve e luz pura.

Atributos dos deuses e Iconografia

Júpiter – águia e raio

Baco – videira e tirso

Neptuno – tridente

Para uma pesquisa sobre as representações pictóricas e escultóricas destes deuses e outras figuras mitológicas, aconselham-se sítios dedicados à arte renascentista. Por exemplo:

Galeria dos Uffizi

<https://www.uffizi.it/en/the-uffizi>

National Gallery of Art (Washington)

<https://www.nga.gov/collection-search-result.html?title=Venus>

Museu Nacional de Arte Antiga

<http://museudearteantiga.pt/colecoes>

...

Referências bibliográficas

Camões, Luís Vaz de. 1972 [1572]. *Os Lusíadas*. Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa: Instituto de Alta Cultura/INCM.

<file:///G:/O%20meu%20disco/%23%20Biblioteca%202024-2025/oslusiadas.pdf>

Camões, Luís Vaz de. 2002 [1595]. *Lírica Completa*. Vol. I e III. Prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva. 85, 243-243 e 43-44. Lisboa: INCM.

Fernandes, Maria Júlia. 2003. «Inês de Castro, Coroada depois de Morta». *As Rainhas – Isabel e Inês*. Documentário. RTPEnsina. <https://ensina.rtp.pt/artigo/ines-de-castro-coroada/>

Gedeão, António. 2007. *Obra Completa*. Notas introdutórias de Natália Nunes. Lisboa: Relógio d'Água.

Góis, Damião. 2002 [1554]. *Descrição da Cidade de Lisboa*. Lisboa: Frenesi.

Sousa, Maria Leonor Machado de. 1987. *Inês de Castro: Um Tema Português na Europa*. Lisboa: Edições 70.

Williams, Holly. 2022. «Inês De Castro: The macabre tale of the 'skeleton queen'». BBC: Culture. 20 de abril
<https://www.bbc.com/culture/article/20220419-ins-de-castro-the-macabre-tale-of-the-skeleton-queen>

Professoras envolvidas

Biblioteca - Ana Eustáquio

Oficina de Artes - Zulmira Rodrigues

Português - Raquel Ribeiro